SERMAM
NO
OFFICIO DOS DEFUNTOS
Da Irmandade
DOS CLERIGOS RICOS DA CHARIDADE
Na Igreja da Magdalena
NO OUTAVARIO DOS SANCTOS,
Que disse, & offerece
AO ILL.mo SENHOR
D. LVIS DE SOVZA
BISPO CAPELAM MOR QUE FOY DE S.M.
& do seu Conselho &c.

O Doutor JOSEPH DE FARIA MANOEL Capellão
de S. M. & Cõfessor de sua Capella, & Caza Real.

EM COIMBRA.
Na Officina de JOAM ANTUNES

Anno de M. DC. XCII.
Com todas as licenças necessarias.

8

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. LVIS DE SOVZA

BISPO CAPELLAM MOR, QUE FOY de S. M. & do ſeu Conſelho, &c.

ESTE Sermaõ, que he o ſegundo que dou à Eſtampa, por ſatisfazer aos rogos da minha Irmandade, diſſe em obſequio de ſeu louvavel exercicio. Buſca a V. Illuſtriſſima pera apparecer, & baſtou ſò o conceito da protecção de V. Illuſtriſſima pera ſem temor ſair a luz, & conſeguir o reſplandor que lhe faltava, deſterrando todo o eſcrupulo de temeroſo; que pera cõſeguir he neceſſario não temer; como diſſe Quintiliano: Dum omnia times nihil conaris. *Naõ he preſunçaõ propria pello riſco de inculcarſe benemerito, porque o prezumir he deſmerecer; aſſim o affirma Claudiano no Cõſulado de Manlio:* Nõ ſe meruiſſe fatetur; qui meruiſſe putat. *Mas he ſeguir o credito no amparo*

 de

de V. Illuſtriſſima aonde pertende achar mais obrigada a defenſa nas reſoens de taõ grande Prelado, & muy ſegura a proteçaõ nas eſperanças deſta humilde, mas voluntaria offerta de hum ſubdito. Aſſim o eſpero de V. Illuſtriſſima de quem agora faço panegirico o ſilencio, porque a repetiçao dos merecimentos he pera os que querem ſer mais do que avultaõ, & naõ pera V. Illuſtriſſima em quem todos conhecem as excellencias que venèraõ, & fora arriſcarlhe o credito querer eu dizellas, porque a virtude publica ſe offende com a oraçaõ. Aſſim o diz Valerio Maximo. Virtus publica non ſine offenſione laudatur. *Deos Guarde a V. Illuſtriſſima por muitos annos com as dignidades que merece.*

De V. Illuſtriſſima

Subdito.

JOSEPH DE FARIA

Charitas nunquam excedit, Charitas omnia ſperat. 1. ad Corint. 13.

A CHARIDADE nunca acaba, a Charidade tudo eſpera: aſſim o eſcreve na primeira Carta aos de Corinto, entre outras muitas excellencias da Charidade, o glorioſo Princepe da terra, o Doutor das Gentes, o Apoſtolo S. Paulo.

Senaõ he a primeira vez ao menos ha de parecer novidade, que prègandoſe de alguma acçaõ foſſe com texto que a encontraſſe, & tambem he novidade ſubir eu hoje a eſte lugar com quem jà tinha capitulado pazes, & aſſentado a eſpada [q̃ tambem he eſpada a palavra de Deos] & às vezes de dous gumes q̃ corta affiada por ambas as partes, ou ſem haver reſpeito a nada, corta por tudo. E na verdade q̃ me rendia a bom partido por me ſentir incapaz de taõ divina occupaçaõ; mas o ſer ſubdito da Irmandade, & obrigado a quem me pode mandar me fes agora ſubir a eſte perigo, corra por ſua conta o naufragio, pela minha, a obediencia. Venho a prègar aos Irmãos da Charidade vivos, dos Irmãos da Charidade defũtos, & pera iſto trago hum tema que dis que a Chari-

Charidade que não morte, & q̃ nunca acaba. *Charitas nunquam excedit*. Pois ſe a Charidade não morre & nunca acaba, como pode ſer eſta acçaõ pellos Irmãos da Charidade que morreraõ.

Mais. *Charitas omnia ſperat*, a Charidade toda he eſperanças tudo eſpera. Pois ſe a eſperãça he tormẽto, muito bom he que vindo eu a ſolicitar alivios às almas dos defuntos, lhes aprezente mais huma eſperança. Dirmeaõ que a eſperança de ver a Deos nas almas do Purgatorio, he alivio de ſuas penas, aſſim he: mas eu digo em rezaõ de eſperança, quanto maior he o bem que ſe eſpera, tanto he maior a affliçaõ no que tarda, diſſeo o Spirito Santo, *Spes quæ differtur affligit animam*; & falla com as almas, & naõ com os corpos. Ora como poderemos concili- ar a Charidade viva cõ os Irmãos mortos? *Charitas nunquam excedit*; & como havemos de compor o tormento da eſperança com a diligencia do alivio? *Charitas omnia ſperat*. Mas como das contradiçoẽs ſae a verdade mais pura, das nùves mais claro o Sol, da noite mais bello o dia. Deſtas duas duvidas formarei hum diſcurſo do acerto de miñha eleição repartido em duas partes. Moſtrarei na primeira q̃ a Charidade viva nos Irmãos vivos da Charidade, he toda a felicidade dos Irmão da Charidade defuntos. *Charitas nunquam excedit*. Moſtrarei na ſegunda a rezão cõ q̃ os Irmãos defuntos da Charidade eſperaõ

Prov. 14. v. 12.

peraõ

peraõ todo o ſeu bem dos Irmãos da Charidade vivos. *Charitas omnia ſperat.* Ajuſtarme-ey cõ aſſunto. E pois naõ poſſo prègar como hũ S. Paulo, ſeguirei a hũ texto de S. Paulo que poſſa ſer fruito a hũas, & outras almas, de vivos, & defuntos. Pera iſto he neceſſario o auxilio da divina graça.

Ave Maria.

I. PARTE.

Charitas nunquam excedit.

BEm me parecia a mim, que contra os rigores da morte ſò tinhaõ juriſdiçaõ as valentias do amor. Hua das mais rigoroſas penſoens da morte, he morrerem os mortos tambem na memoria dos vivos. Hũa das maiores vitorias do amor hè que viva nos vivos a memoria dos mortos. He a maior pẽſaõ dos que morrem o eſquecimento dos que vivem, porque como os que morrem haõ miſter ſer lembrados pera ſerem ſocorridos, em faltando a lembrança nos vivos, he mais dilatada a pena no que padecem os mortos.

Naõ eſtà tanto o mal em ſer morto como em ſer eſquecido. Chriſto no deſemparo de ſua morte na Crus ſe queixavà ja deſte mal por boca de David. *Pſ.30.v.13* *Qui videbant me fòras fugerunt à me. Oblivioni datus*

ſum

ſum tanquam mortuus à corde. Os que viam morrer todos fogiraõ de mim [da morte todos fogem] & puzeraõme em eſquecimento como morto. Duas couzas padecia Chriſto neſta occaziaõ, a ſaber morte, & eſquecimẽto: morte pellos homẽs, & eſquecimẽto dos homẽs, & ſendo taõ grande mal a morte, sò do mal do eſquecimento ſe queixa. *Oblivioni datus ſum.*

Qual cudais que he o mayor mal da morte? he o morrer? naõ por certo, porq̃ a morte he hum trãſe muito commum, & muito breve. O maior mal da morte he o pagar depois as dividas, & ſatisfazer à divina juſtiça nas penas do Purgatorio. E eſte mal ſò com hum bem ſe remedéa, que he o bem que os vivos fazemos pellos mortos, & ſe nos eſquecemos deſte bem, eys ahy o ſeu mayor mal.

Os mortos ſaõ duas vezes mortos, porque ſaõ mortos ſobre ſerem auzentes; hum auzente dizem que he o meſmo que hum morto na memoria dos q̃ ficaõ; ſe bem eſte pode tornar, & ſer lembrado; mas hum morto que o naõ haveis de tornar a ver neſta vida, he duas vezes morto, faltando tambem a eſperança de o tornar a ver.

Naõ ſey ſe reparaſtes jà no louvavel coſtume de noſſa May a Igreja Catholica. Manda ella que ſe lhes façaõ aos defuntos officio de corpo prezente, & o officio de corpo prezente vem a ſer, que prezente o corpo do defunto na Igreja à viſta de todos ſe

lhes

lhes faça o officio,& se offereça a Deos sacrificio por elles. Agora pergunto eu; aquelle officio que se faz he ao corpo prezente, ou à alma auzente? Claro està que he pella alma daquelle corpo que està auzente no Purgatorio. Pois porque lhe naõ chamaõ Officio dalma, senaõ officio de corpo? Ora vede a palavra que vay adiante tira a duvida [corpo prezente] como se dissera, o officio he pella alma, mas à prezença do corpo se deve aquelle officio, mandandoo pòr sobre a terra à vista de todos. Entendendo a Igreja que a memoria dos mortos, sò vive na prezença,& morre descuidada na auzencia às maõs do esquecimento,& à velocidade do tempo. Christo Redemptor nosso, antevendo que despois de morto o havia de ficar tambem na memoria dos homens, antes de morrer deixouse no Sacramento do Altar, vivo na realidade, porem morto na reprezentaçaõ,com preceito de que nos lembrassemos delle. *Hoc facite in meam commemorationẽ. Hæc quotiescumq; feceritis in meam commemorationẽ facietis.* Porq̃ como Christo queria de nòs todos os dias a memoria de seus beneficios,mandou que todos os dias lhe fizessemos hum officio de corpo prezente para ter segura nossa memoria. *Hoc est Corpus meum.* Aqui està meu Corpo prezente. *Hoc est.* E logo *in mei memoriã facietis*,& tereis de mim lembrança.*Hoc facite in meam commemorationem*.Havendo que a lembrança dos

Luc. 22.
1.*ad cor.* 11.*c.* 24.

mortos, sò na prezẽça eſtava ſegura, porque os vivos sò haviaõ de viver conſigo ſe o naõ tiveſſem a elle prezente ainda que morto na reprezentaçaõ. Diſſe o S. Baſilio o grande. *Ut qui vivũt, non amplius in ſe vivant, ſed in eo qui pro eis mortuus eſt.* Pera que os q̃ vivem naõ vivaõ mais em ſi pello eſquecimento, que na memoria de Chriſto morto por ſeu amor. Para lembrado de futuro, quizſe deixar prezente.

Baſil. mag in cat.

Lembranças de ſy morto [ainda que em repreſentaçaõ] eſtima-as Chriſto tanto, que deixadas as maiores finezas, sò manda fazer publicas eſtas lembranças. Denos a prova a Magdalena, & pois eſtamos em ſua caza valhamonos de ſeu favor.

Acabada aquella acçaõ em que a Magdalena ungio a Cabeça de Chriſto em caza do farizeo, deffendendoa da calumnia com que os diſcipulos, & os mais a tratavaõ, rompeo o Senhor neſtas palavras. *Amen dico vobis, ubicumq; prædicatum fuerit hoc Evãgeliũ in toto mũdo, dicetur quod hæc fecit in memoriã ejus.* Affirmovos que aonde chegar a voz do meu Evangelho em todo mundo ſe ha de dizer o que eſta molher fez para ſua memoria. Ora reparemos neſta taõ notavel recomendaçaõ de Chriſto. Que acçaõ foy eſta da Magdalena que tanto particularmente em Chriſto empenhou os affectos, & eternizou as vozes? Empenhou os affectos rebatendo as injurias. *Quid moleſti eſtis huic mulieri?* Eternizou as vozes, *Amẽ dico vobis,*

Math. 26

vobis, quia, &c. Pergunto, a Magdalena naõ obrou outras acçoẽs que excediaõ, ou igualavaõ a esta? A Magdalena naõ se arrependeo de maneira que publicamente confessando seus peccados buscou a Christo na occasiaõ mais publica, reconhecendo sua divindade no ajuntamento mais nobre, no banquete mais esplendido, sem reparar em honra, pundonor, nẽ fidalguia do mundo? *Cum autem esset Jesus in Bethania in domo, &c.* A Magdalena naõ se lançou aos pès de Christo exemplarmente animosa, valerosamente resoluta, perfeitamente humilde, para que abraçada a tais pès podessem tomar pè suas vinturas que corriaõ tormenta no lamentavel naufragio de sua vida? *Stans retrò secus pedes Domini, &c.* A Magdalena naõ chorou penitente com tanto extremo, q̃ na corrente impetuosa das lagrimas de seus olhos em cada huma que derramava, mostrava huma perola, ou hum custoso extremo do que sentia? *Lacrimis cœpit rigare.* A Magdalena naõ foy taõ liberal que para alimpar os pès de Christo abrio huma mina de ouro, porque da de seus cabellos que afrontavaõ os rayos do Sol, fez huma toalha de mãos para enxugar aquelles pès, sendo a mais venturosa que logrou a occasiaõ pellos cabellos? *Capillis capitis sui tergebat.* A Magdalena naõ amou tãto a Christo, & foy seu amor taõ grande que nem da boca do mesmo Senhor lhe sabemos os quilates, soubese que era muito, naõ se

Math. 26

ſonbe quanto era; *Dilexit multum.* Pois ſe a Magdalena teve naquella meſma occaſiaõ todas eſtas acçoens juntamente quando ungio a cabeça de Chriſto, porque rezaõ eſta, & naõ aquellas, teve taõ ſoberano applauſo? Se as mais foraõ de mayor, ou igual merecimento que eſta, que privilegio teve eſta, que naõ lograraõ as mais? Teve; que as mais foraõ obradas em obſequio de Chriſto vivo, & eſta em memoria de Chriſto morto. O meſmo Chriſto o diſſe: *Mittens enim hæc hoc unguentum in caput meum ad ſepeliendum me fecit.* Aquelle *Enim* he cauſal, he o porque daquella eſtimaçaõ; porque eraõ memorias de ſua ſepultura.

Chriſto eſtava taõ deſejoſo deſta honra, taõ cioſo deſta fineza que a Magdalena lhe havia de fazer, que provendo, ſe naõ havia de lograr na menhaã da Reſurreiçaõ pois indo a ungilo morto, jà o havia de achar reſuſcitado. Ordenou ſua providencia divina, por lograr a acçaõ que tanto eſtimava, que o ungiſſe com reprezentaçoens de morto, jà que naõ havia de ſer na realidade de diffunto. Aſſim o diz S. Remigio, *& quia futurũ erat ut hæc mulier corpus domini mortuũ vellet perungere, & tamen non poſſet, quia Reſurrectione anticiparetur, idcirco Divina providentia actum eſt ut vivum Domini corpus perungeret.*

Remigio in catt

Oh morte como fazes eſquecer! Mas oh Charidade como te fazes eſtimar! He neceſſario que os mortos vivaõ para lembrarem. [Quero dizer, que ainda que

que mortos eſtejão prezentes] & ſe hum corpo morto prezente pode mais para as lembranças de huma alma auſente. Oh que venturoſas ſaõ as almas de noſſos irmão difuntos, pois não havendo jà fumo de ſeus corpos mortos, ſe lembra a Charidade viva do fogo de ſuas almas! *Charitas nũquam excedit.* A charidade nunca acaba, & como pode ſer acabar a verdadeira Charidade cujo centro natural como potencia ſua, he a alma que ha de viver eternamente? Mas eſta taõ angelica, & tão adeoſada pello bem que ſe emprega, em livrar da pena do fogo a quem nella padece, que ſe equivoca a viſta, & não ſabe ſe he Deos, ou ſe he Anjo, o que exercita tão excellente virtude. Oh Charidade divina, & angelica com as almas! Ellas ardem no fogo vivo do Purgatorio com a eſperança de ſe verem livres por vòs. Vòs ardeis [mas não vos queimais] no fogo vivo da Charidade para as livrar do fogo a ellas. Sois humas ſarças ardentes, quanto mais abrazadas, mais brilhantes, em que a viſta ſe equivoca entre o divino, & o angelico. Affligido padecia o povo de Deos a miſeravel ſervidão de Egypto, & Deos ſentindo-o, quaſi o deu a entender com grandes ancias de o livrar. *Vidi afflictionem populi mei, deſcendi ut liberẽ, &c.* Apareceo a Moyſes naquella ſarça myſterioſamente abrazada a quem a pertenção do fogo, sò lhe ſervio de triunfo, & o creſpo das chamas reverdeceo os eſpinhos. Curioſo

Exod. 3.

Moyses voou nas azas de hum desejo, a ver aquella grande vizão como ardia sem se queimar; appareceo Deos no meio do fogo, & dissèlhe que não chegasse. *Apparuit ei Dominus in flamma ignis*. A versaõ do texto Hebreo com os setenta lè assim. *Apparuit ei Angelus in flamma ignis*. Appareceolhe hũ Anjo no meio das chamas. Se he Anjo como he Deos? & se he Deos como he Anjo? Era a Charidade de Deos no grande do incendio, era a velocidade de hum Anjo na presteza do remedio, que tudo queria que ouvesse em Moyses. E assim equivoquese a vista, appareça Deos, & appareça Anjo: *Apparuit Dominus*; *Apparuit Angelus*. Quando aparecemos às almas de nossos Irmaõs com os nossos sacrificios, apparecemosllhes como Deos, veyolhes Deos à ver. *Apparuit ei Dominus*, quando lhes ministramos estes sufragios, estes officios, estas caridades, parecemosllhes huns Anjos. *Apparuit ei Angelus*. E quando por nossos sufragios, & oraçoẽs se vem livres daquelle fogo, mais lhes parecemos Deoses que Anjos. Quem livra do fogo sendo hum Anjo, parece Deos.

Sonhava a vaidade de Nabuco hũa estatua fabricada de todos os metais, & por motivo desta mandou fabricar outra toda de ouro, & attribuindolhe fingidas divindades, a introduzio a ser Deos. A adulaçaõ, & o temor em infames sacrificios, & incensos lhe offerecerão indignos cultos; não quizeraõ adorar a

Danielis 2, & 3.

rar a estatua tres mininos Hebreos, & foraõ metidos em huma fornalha ardentissima. Entregues à voracidade das chamas os arrojarão prezos ao furor arrebatado do fogo. Mas quando entre os ardores se havião de escutar tristes gemidos, se advertem sonoras musicas, porque hum Anjo de Deos desceo do Ceo à fornalha com os mininos, & prendendo a actividade do fogo, sobreveyo huma lisongeira viração que os regalava. *Angelus autem Domini descẽdit cum Azaria, & socijs ejus in fornacem, & excussit flammam ignis.* Chegou o Rey soberbo a ver o que hia na fornalha, & vio que quatro ayrosos mancebos pello meyo das lavaredas, como em hum deleitoso jardim, andavão passeando: admirouse, & reparou no numero, pois havendo mandado lançar no fogo a tres, via quatro; tres conhecia; o quarto admirava; porque sua fermosura era semelhante ao filho de Deos, *& species quarti similis filio Dei.* Quem deo a conhecer jà a este Rey barbaro o filho de Deos? Se elle atè agora attribuia a sy a divindade, como a reconhece, & confessa em outro? parece que com luz sobrenatural assentou consigo, que quem livrava de tal incendio, sò podia ser Filho de Deos. *Similis Filio Dei.* Agora o meu reparo. Se este quarto mancebo era Anjo que havia vindo do Ceo a acompanhat os tres mininos. *Angelus autem Domini, &c.* Como agora diz Nabucodonosor que he Filho de Deos?

Deos? *Similis Filio Dei*. Porque o livrar do fogo a quẽ nelle pudera acabar, he acçaõ tanto para admirada, que ſendo de hum Anjo parece Filho de Deos: he Deos no poder porque tem o poder de Deos, he Anjo no officio, porque eſte he o officio dos Anjos.

Ainda que naõ quizeramos, eſtava acommodado o conceito, & fechado o diſcurſo, porque ſer ſemelhante a Deos no poder. *Similis Filio Dei.* A quem compete ſenaõ aos Sacerdotes de quem o meſmo Deos diſſe, que eraõ Deoſes? *Ego dixi Dij eſtis vos*. E a quem o meſmo Filho de Deos deu o ſeu poder? *Data eſt mihi omnis poteſtas, eũtes ergo dscere, quod cumque ſolueris erit ſolutum*. E o ſer Anjos no officio, a quem convem melhor que aos Irmaõs da Charidade: *Angelus autem Domini*. Ou jà ſeja pella obrigaçaõ do eſtado, ou pella virtude deſte exercicio? Mas que muito ſe o meſmo Deos he Charidade de que tanto vos prezais? *Deus Charitas eſt, & qui manet in charitate in Deo manet*. Em hũa Charidade eterna, em hũa Charidade viva q̃ nunca acaba, *Charitas nũquã excedit*: com que temos moſtrado, & temos viſto, no que diſſemos, & no que obramos, que a Charidade viva nos Irmaõs da Charidade vivos, he toda a felicidade dos Irmãos da Charidade defuntos. *Charitas nunquam excedit*.

Ioan. 10
Pſ. 81.
Ioan. 16.

Na ſegunda parte moſtrarei a rezão com que os

Irmãos

Irmãos da Caridade defuntos esperaõ todo seu bem dos Irmãos da Caridade vivos.

Charitas omnia sperat.

MAs porq̃ não pareça q̃ atè agora hey prègado em cõmum, pois este discurso da Charidade pode cõvir atodos os q̃ a tiverem, & fazerem semelhantes sufragios, sem embargo de que a nòs primeiro, que a todos, respondo; que os mais fazemnos de Charidade, & nòs fazemolos cõ Charidade, porque a temos de caza; & sendo em boa ordẽ o principio, ha de começar de sy mesma, indo muita differença de hum a outro modo; & se a melhor Charidade he a que se uza com os defuntos, esta he em boa ordem, a que ha de começar de nòs mesmos. Samos obrigados pello titulo q̃ temos à Charidade dos Irmãos que tivemos. O titulo que temos he de Irmãos, Ricos da Charidade. E como nossos Irmãos difuntos tiveraõ, & tem este mesmo titulo, [pois acabáraõ em Charidade cõ Deos] alem de estarem de posse, por este titulo nos demandaõ, com justo titulo nos obrigaõ.

Primeiro titulo. Irmãos.

DIz S. Pedro que a Irmandade se ha de amar. *Fraternitatem diligite* E Amor suppoem uniaõ; logo em uniaõ de Irmãos [nesta mayor Carida- 1.Petri 1.v. 12.

 de]

de] havemos de rogar pellos defuntos: Porque perà hum Irmaõ defunto he mais agradavel a Deos a oraçaõ da Irmãdade, q̃ outra qualquer oraçaõ. Naõ fique este discurso sẽ outro lugar da Magdalena, q̃ em sua caza sẽpre haõ de ser seus os melhores lugares.

Chamado da necessidade, fiel amigo, Christo, foy resuscitar a Lazaro. [Assistir às necessidades he amor, chegarse pera as bonãças he interesse]. E atropellando as dificuldades, que lhe punhão os discipulos, & os temores, q̃ podia cauzar o odio dos Judeos, chegou a Bethània, & chegou juntamẽte ao castello, a nova de que vinha Christo chegando. Estavaõ as Irmãas do defunto muito de nojo; mas ouvindo Marta a nova levantouse, & a toda pressa lhe veyo sair ao encõtro, & Maria ficouse em caza. Mostrouse Marta a Christo sentida, assim da sua tardãça, como da morte do Irmão. *Domine si fuisses, &c.* Cõsolou-a Christo, & dissselhe que seu Irmaõ resuscitaria. *Resurget frater tuus.* Começou ella a pòr duvidas dizẽdo; que isso seria pera o dia do Iuizo. *Scio quia resurget, &c.* Tornou a dizer Christo, q̃ elle era a verdadeira Resurreçaõ. E ultimamẽte crẽdo Marta, & cõfessando em Christo a divindade, & o poder, volta a caza ja com mais alento, & chama a Maria sua Irmã dizendo que Christo a chamava. *Magister adest vocat te.* Naõ diz o Texto que Christo chamasse a Naria, Marta foy a que a chamou. Mas com que miste-

Ioann. 11.

misterio? Logo o direi. Sahio Marta outra ves a buscar a Christo que ainda não havia chegado ao castello. *Non dũ venerat Iesus in civitatẽ, sed erat adhuc in loco illo ubi occurrerat ei Martha.* Ainda estava no mesmo lugar a onde o deixàra Marta. Ora quem naõ repararà nos vagares com que vem Christo a Bethania? Chegou a nova, veyo Marta, faloulhe Marta, foy chamar a Maria, veyo Maria falou a Christo. E Christo naõ havia ainda chegado ao castello? Que espera Christo com tanta detẽça; se vem a resuscitar a Lazaro porque o naõ fas logo? Dis S. Joaõ Chrisostomo que queria que viessem muitos, & lho pedissẽ. *Ut videatur rogari ab alijs.* Mas eu ainda torno a perguntar, se o ha de resuscitar, naõ bastava q̃ viesse Marta, senaõ que esperou que chegasse Maria? Sym: tudo teve misterio. Queria Christo resuscitar a hũ Irmão defunto, & tem Deos particular complacencia de q̃ lho peçaõ muitos. Mais digo; tem particular complacencia de que lho peça huma Irmandade, por isso com huma Irmam sò naõ fas o milagre, và Marta chamar a outra Irmam, juntese a Irmandade toda, & então resuscite a Lazaro; porque he mais agradavel a Deos a oraçaõ, naõ aquella que a necessidade aprezenta, se não aquella que encomenda o amor da Irmandade. Valente fiador de meu conceito o mesmo S. Joaõ Chrisostomo. *Dulcior autẽ ante Deum est oratio, non quã necessitas transmittit, sed quã Charitats fraternitatis cõmendat.* Parece q̃ escreveo o

Chrysost. in Math.

 Santo

Santo Doutor estas palavras pera a nossa Irmãdade daCharidade. *Charitas fraternitatis cõmendat*. Logo se he mais agradavel a Deos osuffragio da Irmandade, obrigàdos estamos pello titulo de Irmãos, a fazer estes suffragios.

E pello titulo 2. de Ricos.

NAõ ha couza taõ contraria entre sy como o Pobre, & o Rico. E cõ tudo o pobre he necessario ao Rico pera q̃ uze cõ elle de misericordia, & o Rico he necessario ao pobre pera que o socorra. Se ambos foraõ ricos quẽ os havia de sofrer? Se ambos foraõ pobres quem os havia de remediar? tudo assim ordenou neste mundo a sũma Providencia, mas com aquella consonancia, que o Rico socorra ao pobre, & o pobre seja remediado pello Rico Em faltãdo esta proporçaõ tudo se perde. Que importa ao Rico ter a caza chea de bens, se tem a conciencia vazia? Oh miseravel Avarẽto! quères ter bẽs, & tu naõ quères ser bom? Correr te deves de que teus bens tenhaõ hum senhor taõ mao. Que importa ao Rico a riqueza que tem, se naõ teme Deos que lhe deo essa riqueza? Sem Charidade o Rico he pobre, com Charidade o pobre he Rico. Naõ pode escapar da qui o Rico avarento.

Lisongeado da fortuna viveo o Rico a seu prazer. E morreo a seu pezar. Era a sua meza taõ esplendida, que a multidaõ das igoarias fazia duvidosa a eleiçaõ

ao go-

ao gosto; porque ao mesmo tempo se via o appetite convidado de muitos manjares. Naõ puderaõ os regalos impedirlhe a morte; porque de ordinario saõ os muitos, os que apressaõ muito a vida. Acabou o miseravel pera as dilicias, & começou as penas, que tãtas desordens algũ tempo haõ de ter fim. Morreo, & foy sepultado no Inferno morreo juntamente Lazaro, aquelle pobre exemplo de miserias, & o q̃ na vida foy horror aos olhos vello, na morte era aos Anjos sagrada ãbiçaõ servillo. Foy laudado pellos Anjos ao seyo de Abraõ, meteo Abraõ em seu seyo. Ao seyo de Abraõ pera q? naõ bastava q̃ Lazaro fosse ao lugar do descanço, senaõ q̃ havia tambem de descãçar nos braços de Abraõ? Sym. Porq̃ o havia de ver o Rico, & visse que fizera Abraõ no Ceo, o que elle não quis fazer na terra. E que sendo Abraõ Rico, sò conservava a riqueza com a Charidade. Disseo S. Pedro Crisolo; *Re vera parũ se beatũ credidit; si in ipsa superna gloria ab hospitalitatis pio cessaret officio.* Naõ se dava por de todo bemaventurado Abraõ, não se julgava Rico de todos os bẽs [que isso he ser bem aventurado] se ainda no Ceo não tivesse Charidade. Reprenção foy q̃ deo ao Rico, & gloria foy que ostentou em Lazaro, pois mostrou, que na Charidade com que o sofreo, achou a riqueza, & o Rico a Charidade que naõ teve, lamentava a miseria. Disseo S. Agostinho fa lãdo da Charidade. *In Charitate pauper est dives, sine Charitate omnis dives est pauper.*

Petr. Crisol.

S. Aug.

Tem-

Temos logo entẽdido que a riqueza està na Charidade, & pera conſervar o titulo de Ricos, a havemos de uzar com noſſos Irmaõs difuntos; pois elles pella poſſe tem titulo, & nòs pera conſervar o titulo os havemos de conſervar na poſſe; quando juſtamẽte eſperaõ de nòs eſtes ſufragios, de cuja riqueza, de cujo theſouro ſe valera porque o amigo fiel he hũ theſouro vivo. *Amicus fidelis theſaurus vivus.*

Por rezão de Irmãos, de Ricos, & da Caridade.

QUe a Charidade ſeja tambem titulo que nos obrigue he tão certo, q̃ não temos acçam pera deixar de a uzar, tãto q̃ ella ſe fes ſenhora de noſſa vontade; por quanto dis S. Gregorio Papa q̃ naõ deixa ſer ſenhor de ſy a quem huma ves ſe vio obrigado della. *Mens quam ſemel affecerit Charitas, ſui juris eſſe non ſinit.* Obrigados eſtamos logo tambẽ por eſte titulo, ſubpena de não ſer Irmão da Charidade, aquelle que a naõ uzar com ſeu Irmão. Aſſim o notifica o Evangeliſta S. Joaõ. *Qui viderit Fratrẽ ſuum neceſſitatem habere, & clauſerit viſcera ſua ab eo, quomodo Charitas Dei manet in illo?* Como pode ſer [antes não pode ſer] Irmão da Charidade, aquelle, q̃ na neceſſidade, a não uzar cõ ſeu Irmão? E q̃ maior neceſſidade que a q̃ padecem noſſos Irmãos no Purgatorio? quereis ver huma ſombra do q̃ he? Ora ouvy hũ retratro de morta cor. Aſſim como for poſſivel dirvoshey hũa ſombra, hũ fumo daquelle fogo.

S.Greg.Pp.

S.Ioann.17

He

He o Purgatorio hũ lugar jũtò ao centro da terra taõ vezinho ao Inferno dos danados que sò hũa porta os divide; por isso ao Purgatorio chama a Igreja, porta do Inferno, pella vizinhança: *A porta inferi.* Que seja tenebroso, horrendo, & lamentavel he certo, pois he emfim lugar que a justiça divina determinou, não mais que pera penas daquellas almas. As penas que aly padecem são tão grandes, que sò Deos o sabe, que sabe tudo, & ellas que o sentem. Duas penas padecem juntamente, de dano, & de sentido; a primeira sorte de pena com que são atromentadas, he a pena de dano que consiste em não ver a Deos, porque este he o maior dano que pòde padecer huma alma. E he tal que as outras penas de fogo, & tormentos que a hy passaõ não se dis ser dano a respeito da quella, saõ sò penas de sentido. Està a alma sẽ ver a Deos privada de seu fim, inclinaçaõ natural, & bem pera que foy creada, està fòra de seu centro. Quereis ver com os olhos da consideraçaõ que mal seja esto, naõ em realidade, mas em sombra: Ora day a teçaõ. O Ar como o seu lugar he andar sobre a terra, se acõtece alguma ves meterse debaixo della, he tal a inquietaçaõ que naõ pàra vendose prezo, atè que fazendo tirriveis terremotos, & estrondosas violencias, rompe a terra, & a confunde, & a faz tremer, & temer, & fas voàr montes por esses ares, atè que chega a seu centro, O fogo encerrado em hũa bombarda [como seja o seu lugar por sima dos mais e-

lementos] quando se vè ateado na polvora, & prezo, arrebenta com tanta furia, que se topar diante hum exercito inteiro, o lãçarà tão longe que nenhũa força humana possa chegar aly, salvo for cõ o pẽsamẽto.

Pois se nas creaturas insensiveis fòra de seu centro hà padecer tanta violencia, que serà nas sensitivas, & racionaes? he tão grande pena não ver a Deos, que Deos com todo seu poder, não pode fazer maior pena. A rezaõ he porque assim como Deos não pode fazer maior bẽ q̃ elle mesmo, assim não pode cauzar maior mal que privarnos desse bem.

A segunda sòrte de pena, he outra que chamamos de sẽtido, que molesta, & atromẽta as almas, cauzada pello fogo. Este fogo he o do mesmo inferno, sò com hũa differença de ser temporal, & haver de acabar algum dia, quando Deos for servido. E sendo fogo material, & corporal, atromẽta spiritualmẽte, imprimindo naquellas almas hũa qualidade acerba, inflictiva de dor, & levado, & esforçado pello divino poder, qual elle seja sò diraõ os que o padecẽ. Todos os males, todos os incendios, todas as penas, todos os tormentos que ha, houve, & ha de haver nesta vida, saõ nada, saõ sombra, saõ imaginaçaõ, saõ vento, & a respeito da quella saõ como do vivo ao pintado.

Eis aqui a necessidade, eis aqui o q̃ padecẽ: pode ser mais? pode ser maior? pois tambẽ naõ pode ser maior a obrigaçaõ: satisfazẽdo a esta cõ a Charidade q̃ de nos esperaõ. *Charitas omnia sperat*. Solicitamos pera nòs a graça, pera ellas a gloria. *Ad quam nos, &c.*